

A NATUREZA COMO BASE DA ÉTICA EM LUDWIG FEUERBACH – A DETERMINAÇÃO NATURAL DA VONTADE

Nature as a Basis for Ethics in Ludwig Feuerbach – The Natural Determination of Will

Eduardo F. Chagas *

Resumo: Trata-se aqui de uma exposição da ética materialista de Ludwig Feuerbach, que procede a posteriori a partir da experiência. Ele rejeita toda ética apriorística, transcendental, ilimitada, indiferente, imediata, pura, vazia de conteúdo, abstraída das determinações da situação concreta. Segundo ele, tal ética se baseia numa vontade incondicionada e indeterminada, ou seja, numa pretensa liberdade humana, independente tanto dos limites e das leis da natureza externa, quanto da natureza interna, da determinação corporal e das necessidades naturais humanas. Apesar disso, não há, todavia, em Feuerbach um determinismo ou uma negação da vontade. Ele defende que a vontade humana não é absoluta e incondicionalmente livre. De fato, ela é condicionada pelo tempo, pelo momento histórico, pela idade, por meios materiais e sensíveis, pela situação ambiental, pelas condições e circunstâncias da natureza, como alimento, vestimentas, luz, ar, água, espaço e tempo. Na verdade, ter vontade é sempre ter vontade de algo, já que a vontade é sempre mediada por um objeto. É só, através das condições e mediações, que se alcança a liberdade, e, assim, a vontade se torna concreta.

* Professor da Graduação e da Pós-Graduação do Curso de Filosofia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e Colaborador do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação (FACED) da UFC. Bolsista do CNPq 2014-2016. Artigo enviado no dia 27/06/2013 e aprovado para publicação no dia 21/11/2013.

Palavras-chave: Feuerbach, Natureza e Ética, Determinação Natural da Vontade, Liberdade e Necessidade.

Abstract: This article aims at presenting the materialist ethics of Ludwig Feuerbach, which proceeds a posteriori from experience. The author rejects all forms of ethics that are aprioristic, transcendental, unlimited, indifferent, immediate, pure, and empty of contents, as well as abstracted from the determinations arising from concrete situations. According to him, such ethics are based on an unconditioned and undetermined will, that is to say, on an alleged freedom that would be independent not only from the limits and laws of the external nature but also from the internal nature, bodily determinations and natural human needs. However, there is no determinism or negation of the will in Feuerbach. The philosopher argues that the human will is neither absolute nor unconditionally free. Indeed, it is conditioned by time, the historical moment, age, material and sensitive means, the environment, and the conditions and circumstances of nature, such as food, clothing, light, air, water, space and time. To have a will, in fact, is always to have a will for something, since the will is always mediated by an object. It is only through conditions and mediations that freedom is attained and that the will becomes concrete.

Keywords: Feuerbach, Nature and Ethics, the Natural Determination of the Will, Freedom and Need.

Assim como Feuerbach tinha negado, particularmente nos escritos *Pensamentos sobre Morte e Imortalidade* (*Gedanken über Tod und Unsterblichkeit*) (1830), *A Essência do Cristianismo* (*Das Wesen des Christentums*) (1841) e *A Essência da Religião* (*Das Wesen der Religion*) (1846), a existência de Deus (*Dasein Gottes*) e a imortalidade (*die Unsterblichkeit*), ele nega agora, em sua obra *Sobre Espiritualismo e Materialismo* (*Über Spiritualismus und Materialismus*) (1866), a admissão e a ideia de uma liberdade humana sem necessidade, independente das leis da natureza, de uma vontade apriorística, abstrata, indeterminada, de um querer ou de um livre-arbítrio (*Willensfreiheit*) sobrenatural, ilimitado, independente, autônomo. Nesta obra, Feuerbach afirma inicialmente que, na disputa entre materialismo e idealismo, não se trata, para ele, em última instância, da questão da divisibilidade ou indivisibilidade da matéria, não de sua eternidade ou temporalidade, não da existência de Deus, mas, pelo contrário, da divisibilidade ou indivisibilidade do homem, de seu ser ou não-ser, de sua temporalidade ou eternidade. O materialismo “é para mim”, assim assegura Feuerbach explicitamente, a base sólida da moral, “o fundamento do edifício da essência e do saber humanos; mas ele não é para mim, como ele é no sentido estrito para os fisiólogos, os cientistas da natureza, por exemplo, para Moleschott, e é, na verdade, a partir de seu ponto de vista e profissão, o próprio edifício”¹. Em relação à ciência da

¹ FEUERBACH, L. *Aphorismen*. In: *Ludwig Feuerbach's Briefwechsel und Nachlass*. Organizado por Karl Grün. Leipzig & Heidelberg: C. F. Winter'sche Verlagshandlung, 1874, 2 Bd., p. 308.

natureza, frente ao materialismo vulgar *par excellence*, que foi representado, por exemplo, por Karl Vogt, Karl Moleschott e Karl Ludwig Büchner e permaneceu ligado, principalmente, a uma absolutização das disciplinas biológicas e à ideia darwiniana de desenvolvimento, Feuerbach acentua suas diferenças da seguinte maneira: “A anatomia, a fisiologia, a medicina, a química não sabem nada sobre a alma, sobre Deus etc. [...]. O homem é para mim, como para eles, uma essência natural, nascida da natureza, mas o meu objeto principal são as ideias e as essências da fantasia, que na opinião e na tradição dos homens valem como essências reais.”² Na verdade, Feuerbach concorda com o materialismo nisto, a saber, que ambos reconhecem a matéria como o elemento primitivo, como a matéria-prima (*Urstoff*) de toda a realidade e o conhecimento sensível como o primário do conhecimento racional, mas o seu materialismo não é, como ele diz, uma “monstruosidade”, uma “deformidade da modernidade”, mas, pelo contrário, a confissão consciente da fonte da existência humana, ou seja, da natureza, da qual resulta para ele, em última instância, a condição fundamental para qualquer forma de desenvolvimento humano. Por isso, Feuerbach critica aqui os filósofos especulativos, os espiritualistas e teólogos, que atribuem ao homem uma liberdade, uma vontade (*Willen*) independente, livre das determinações e condições de sua essência real, de todas as leis da natureza e, precisamente por isto, de todas as tendências naturais, as inclinações, as pulsões, os instintos (*Trieben*) sensíveis.

Para provar a tese da liberdade absoluta (*der absoluten Freiheit*), ou seja, que o homem age segundo uma vontade livre (*einem freien Willen*), os filósofos especulativos, os espiritualistas e teólogos remetem ao suicídio (*Selbstmord*), que representa para eles o poder da substância espiritual sobre a vida. Se se aceita tal prova, assim se permite entender, de acordo com eles, a liberdade de forma a priori, puramente subjetiva, indeterminada, isto é, a liberdade, o querer, a vontade não ligados às leis da natureza, aos vínculos que encadeiam a vida. Grande número de argumentos desse tipo encontra-se, por exemplo, em Sêneca, que elege a seguinte formulação: “Por toda parte está ao homem o caminho livre para a liberdade. [...] A liberdade depende dele.”³ Também Jacobi diz: “Para escolher entre a morte e a vida não pode nenhum animal: ele tem apenas instintos sensíveis, que se dirigem todos para a conservação, manutenção, instintos

² FEUERBACH, L. *Brief an G. Bäuerle*, den. 31 Mai, 1867. In: *Ludwig Feuerbach's Briefwechsel und Nachlass. Op. cit.*, p. 188.

³ Cf. SENECA. *Über den Zorn*. Drittes Buch. In: *Philosophische Schriften*. Org. por Manfred Rosenbach. Darmstadt: Wiss. Buchges, 1999, Bd. 1, p. 259. Cf. ainda Seneca. *Die Briefe*. Erstes Buch (12. Brief) und Fünftes Buch (51. Brief). In: *Philosophische Schriften. Op. cit.*, , Bd. 3, p. 83 e 407. Cf. também FEUERBACH, L. *Über Spiritualismus und Materialismus, besonders in Beziehung auf die Willensfreiheit*. Org. por W. Schuffenhauer. Berlin: Akademie-Verlag, 1972, GW 11, p. 60-61.

que o *forçam* apenas a continuar a sua existência *na terra*. – Isto o homem pode.”⁴ Em Sófocles, diz Antígona à sua irmã Ismênia: “Tu escolheste, sim, a vida, e eu, a morte.”⁵ Fichte escreve em seu *Sistema da Doutrina Moral* (*System der Sittenlehre*): “A decisão para morrer é a representação pura da supremacia do conceito sobre a natureza. Na natureza encontra apenas o instinto para se manter, e a decisão de morrer é exatamente o oposto deste instinto. Qualquer suicídio exercido com fria prudência [...] é um exercício daquela soberania.”⁶ Semelhantemente, Hegel argumentou nos *Princípios da Filosofia do Direito*: “No elemento (na pura indeterminidade) da vontade reside que eu posso me desprender de tudo [...], me abstrair de tudo. Só o homem pode desistir de tudo, até mesmo de sua vida, ele pode cometer um suicídio.”⁷ Para Feuerbach, é, no entanto, questionável, duvidoso, se instinto de autoconservação (*Selbsterhaltungstrieb*) e suicídio (*Selbstmord*), natureza (*Natur*) e liberdade (*Freiheit*), estão realmente em um tal contraste de um para com o outro. Para ele, necessidade (*Notwendigkeit*) e liberdade (*Freiheit*) estão mesmo ligadas uma à outra, pois não há, segundo sua opinião, na natureza um instinto puro de autoconservação, até mesmo o instinto de autoconservação de um animal também está em conexão com a “liberdade” de seu movimento e com outros animais de sua espécie. Uma ação é, pois, livre, quando ela acontece também com necessidade de suas próprias potências, de suas possibilidades. “Livre é o pássaro no ar, os peixes na água, livre está qualquer ser lá onde ele se encontra e age em concordância com sua essência”.⁸ “Dizemos”, ele acentua, dando sequência ainda mais claramente, “que a macieira produz maçãs pela necessidade, apenas por isto, e não pela liberdade da vontade, pelo livre-arbítrio, porque ela só produz maçãs, e, na verdade, apenas maçãs sempre da mesma espécie e qualidade; apenas por isso, nós negamos ao pássaro a liberdade de cantar, porque ele canta sempre as mesmas canções, por isso não pode cantar outras.”⁹ Mas o instinto de auto-conservação no animal está ligado intimamente ao “instinto de liberdade”, pois quando um animal, que não suporta de modo nenhum

⁴ Cf. FEUERBACH, L. *Über Spiritualismus und Materialismus, besonders in Beziehung auf die Willensfreiheit*. Op. cit., p. 54.

⁵ Cf. SÓFOCLES. *Antigone*. Traduzido por W. Kuchenmüller. Stuttgart: Reclam, 2000, p. 27. Cf. também Feuerbach, L. *Über Spiritualismus und Materialismus, besonders in Beziehung auf die Willensfreiheit*. Op. cit., p. 54.

⁶ Cf. FICHTE. *System der Sittenlehre*. Werke auf CD-ROM. Berlin: 1997, § 20, Cap. 534. Cf. Também FEUERBACH, L. *Über Spiritualismus und Materialismus, besonders in Beziehung auf die Willensfreiheit*. Op. cit., p. 54.

⁷ Cf. HEGEL, F. Hegels Randbemerkungen zu § 5 Anm (Zusatz). In: *Grundlinien der Philosophie des Rechts*. Werke auf CD-ROM. Herausgeber Hegel-Institut Berlin. Berlin: Talpa-Verlag, p. 63. Cf. também FEUERBACH, L. *Über Spiritualismus und Materialismus, besonders in Beziehung auf die Willensfreiheit*. Op. cit., p. 54.

⁸ FEUERBACH, L. *Über Spiritualismus und Materialismus, besonders in Beziehung auf die Willensfreiheit*. Op. cit., p. 83.

⁹ FEUERBACH, L. *Vorlesungen über das Wesen der Religion*. Org. por W. Schuffenhauer. Berlin: Akademie-Verlag, 1967, GW 6, p. 271.

o cativo, perde a sua liberdade, perde ele, simultaneamente, o apetite e morre num curto espaço de tempo.

Comparado com os demais seres orgânicos da natureza, como animais, árvores, plantas etc., Feuerbach não entende o homem, como os materialistas franceses, como uma natureza puramente física, ou seja, determinado de tal forma unilateral, pois ele não é apenas escravo, mas também senhor da natureza. Assim, por exemplo, ele não produz, como as árvores, “sempre as mesmas frutas”; “ele não canta sempre as mesmas canções, como o pássaro, ele canta ora esta, ora aquela, ora uma triste, ora uma alegre. Diversidade, pluralidade, variabilidade, irregularidade, ilegalidade são apenas os fenômenos, os efeitos, cujas causas nós pensamos a nós como um ser livre, de vontade.”¹⁰ Entretanto, não há no homem uma liberdade plena, sem limites (*schrakenlose Freiheit*), pois esta não está em contradição, mas em consonância com seu instinto de autoconservação, com as suas inclinações e seus instintos. A liberdade estende no instinto de autoconservação o seu próprio ser, a sua vida, vida essa que tal instinto não pode separar de si, sem renunciar a si mesmo. Por conseguinte, Feuerbach não aceita o suicídio como suposta prova para a liberdade da vontade, do livre-arbítrio humano, para uma liberdade incondicional (*unbedingte*), ilimitada (*uneingeschränkte*), pois ele não é uma autodestruição sem fundamento, isolada das condições concretas, que pertencem necessariamente à vida dos homens; assim um homem renuncia a todas as satisfações da vida apenas para renunciar a uma existência inautêntica, marcada pelo sofrimento, pelo desespero, pela dor, pelas aflições, ou seja, para subtrair de si as sobrecargas, as violações e as infelicidades da vida. O suicídio é, portanto, tratado em si e para si mesmo apenas como um protesto contra uma vida degradante, antinatural, antihumana, contra os males da sociedade, como um “veneno” contra um veneno, pois ele nega a natureza não em sua condição plena, saudável e feliz, mas em sua condição mutilada, sofrida e infeliz. Por conseguinte, o pressuposto ou a causa primeira da desistência espontânea, da renúncia voluntária à vida não é o querer, a vontade (*der Wille*), a liberdade (*die Freiheit*), mas, pelo contrário, a necessidade (*die Notwendigkeit*), a privação (*die Entbehrung*), pois, antes que o suicida se mate, estavam já a ele desaparecidas as possibilidades da vida, os meios necessários para viver. Portanto, um homem não se mata pelo simples fato de querer morrer, pois a vontade para o suicídio não é, de modo nenhum, livre, mas determinada pelas circunstâncias concretas da vida. A frase “eu quero morrer” (*“Ich will sterben”*) é, segundo Feuerbach, então “apenas a conclusão consentida da contrariada frase principal: eu não posso mais viver, eu devo morrer.” (*“Ich kann nicht mehr leben, ich muß sterben”*)¹¹ Isto significa: alguém renuncia a sua vida, quando ele, sem aquilo

¹⁰ *Ibidem*, p. 271.

¹¹ FEUERBACH, L. *Über Spiritualismus und Materialismus, besonders in Beziehung auf die Willensfreiheit*. Op. cit., p. 56.

o que é necessário e indispensável à sua própria vida, não pode viver. Com isto o suicídio, a separação, que está ligada com o fim, confirma e expressa apenas a inseparabilidade das condições da natureza, a necessidade da vida mesmo. Pois a vontade, que aniquila o corpo, aniquila, então, também a si mesmo e, com isto, comprova, de fato, que ela não é nada sem um corpo, sem as possibilidades da vida, sem os meios de subsistência. Em oposição a Hegel, que em sua *Filosofia do Direito (Rechtsphilosophie)*, argumenta que “eu” tenho “esses membros, a vida apenas”, “na medida em que eu quero; o animal não pode mutilar-se ou suicidar-se, mas o homem”¹², é certo para Feuerbach que eu não tenho “meu corpo por causa da minha vontade, mas, pelo contrário, só tenho vontade por causa de meu corpo e de minha vida.”¹³ A liberdade de se abstrair de tudo, ou a liberdade da vontade, o livre-arbítrio erguido sobre todas as necessidades da natureza do livre-arbítrio só seria, então, possível, se o homem também pudesse abstrair da vida e da morte, isto é, se vida e morte dependessem apenas de sua vontade. Pois, se o homem fosse, realmente, absolutamente livre, assim o suicídio seria, completamente, sem sentido, inútil. Mas, já que a vida e a morte não estão no poder de sua vontade, isto prova que não há liberdade, vontade, cujo fundamento último não se encontre na natureza, ou seja, que não tenha ainda nela as suas raízes.

Partindo de seu ponto de vista materialista, Feuerbach defende, assim, a determinação natural da liberdade, da vontade humana. Já nas *Preleções sobre a Essência da Religião (Vorlesungen über das Wesen der Religion)* tinha ele esclarecido: “Eu sou o que sou, [...] enquanto apenas uma parte da natureza como ela é constituída neste século, pois também a natureza se transforma, por isso todo século tem a sua própria doença, e eu não me pus neste século por minha vontade. Mas, eu não posso, não obstante, separar tão-pouco minha essência da essência deste século, assim como não posso pensar a mim como uma essência que existe fora da mesma, uma essência independente dela, tão-pouco minha vontade separada desta essência; eu estou comprometido com esta sorte ou destino, com esta necessidade de ser membro desta época, eu posso querer ou não, eu posso estar ou não consciente disto; eu sou o que sou por natureza, o que eu sou sem vontade e, igualmente, com vontade; eu não posso querer ser nada mais além do que eu sou, isto é, sou essencialmente ou segundo a essência. Minhas qualidades indiferentes, acidentais, eu posso pensar de outra forma, posso querer mudá-las, mas não minha essência; minha vontade é dependente de minha natureza, de minha essência, mas minha natureza não depende de minha vontade; minha vontade se guia

¹² Cf. HEGEL, F. *Grundlinien der Philosophie des Rechts*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1999, § 47, p. 59. Cf. também FEUERBACH, L. *Über Spiritualismus und Materialismus, besonders in Beziehung auf die Willensfreiheit*. Op. cit., p. 57-58.

¹³ FEUERBACH, L. *Über Spiritualismus und Materialismus, besonders in Beziehung auf die Willensfreiheit*. Op. cit., p. 58.

pela minha essência, também *sem que eu saiba e queira* isto, mas minha essência, isto é, a qualidade essencial de minha individualidade, não se guia pela minha vontade, por mais que eu ainda também me esforce e me ofereça tanto para isto.”¹⁴ Apenas porque o homem pode e deve morrer, pode ele, então, também querer morrer. A vontade de morrer tem, por conseguinte, já a morte inevitável para seu fundamento e apoio. Isto se torna já claro em Sófocles, quando a condenada Antígona à morte diz ao Creonte: “Que devo morrer, isto eu já sabia também sem a tua proclamação.”¹⁵ Ideias semelhantes manifesta também a *Iliada (Ilias)* de Homero, quando Sarpédon diz contra Glauco: ““Seguramente, seria a nós permitido fugir desse combate, para permanecermos sempre imortais na juventude nunca envelhecida. Nem eu mesmo, pois, lutava, misturado nas lutas de frente, nem também eu te convido para a batalha que satisfaz os homens. Mas isto porque surge, sim, a nós inúmeras vezes o destino da morte, ao qual nenhum mortal escapa, nem o evita, porque nós glorificamos outra glória ou a nossa!””¹⁶

Com passagens literárias, como estas, Feuerbach quer provar que a morte (*der Tod*) não está em contradição com a necessidade da natureza (*Naturnotwendigkeit*), da vida (*Leben*). Na verdade, o desejo, a vontade (*der Wunsch*), a liberdade, a *determination* para morrer seria, no sentido idealista, uma decisão *supranatural, sobrenatural*, se houvesse apenas uma morte voluntária, espontânea, mas não necessária, natural, ou seja, se o homem sacrificasse não sua vida mortal, mas imortal. A morte pode ser, então, concebida como um objeto da liberdade, da vontade? Vida e morte (*Leben und Tod*) dependem apenas da nossa vontade, da liberdade (*Freiheit*)? Só vivemos porque queremos viver e, por conseguinte, podemos querer, a todo momento, o contrário, a morte? A tais perguntas responde Feuerbach: com certeza, o homem pode matar a si mesmo, se ele quer se matar. Mas esta decisão não está fundamentada apenas subjetivamente, moralmente, mas também naturalmente, fisicamente, pois ela não depende simplesmente do desejo, da pura vontade, da liberdade. O homem quer a morte apenas porque esta é para ele uma necessidade (*eine Notwendigkeit*), pois onde não há nada contra a vida, lá não há também fundamento para a morte. Por conseguinte, é sem fundamento, ou seja, uma mera imaginação do homem a acreditar que sua vida (e até mesmo o suicídio) dependa apenas da graça de sua vontade. Em Feuerbach vale, em vez da frase: “Eu posso o que eu quero” (“*Ich kann, was ich will*”), o princípio: “Eu quero o que eu posso.” (“*Ich will, was ich kann*”) o fundamento da vontade para ele não é, então, o

¹⁴ FEUERBACH, L. *Vorlesungen über das Wesen der Religion*. Op. cit., p. 184-185.

¹⁵ Cf. SÓFOCLES. *Antígona*. Op. cit., p. 22. Cf. também FEUERBACH, L. *Über Spiritualismus und Materialismus, besonders in Beziehung auf die Willensfreiheit*. Op. cit., p. 58.

¹⁶ Cf. HOMERO. *Ilias*. Tradução de R. Hampe. Stuttgart: Reclam, 1979. p. 448 e 492. Cf. também FEUERBACH, L. *Über Spiritualismus und Materialismus, besonders in Beziehung auf die Willensfreiheit*. Op. cit., p. 58.

querer imaginário, sem base, que quer algo que ela não possa, mas o poder, a potência, a possibilidade do querido. Precede à vontade, portanto, apenas aquilo que é da natureza. Isto se manifesta para Feuerbach, por exemplo, na frase: “Eu quero ser músico, [na verdade, uma vontade], mas esta vontade é [...] apenas é a revelação de meu talento para a música. Tão pouco eu posso gerar crianças pela pura vontade sem a potência de procriação, tão pouco pode em geral a vontade algo sem utensílios, sem matéria, sem órgão para aquilo que ela quer. Para onde falta o sentido, a disposição, para isto falta também a vontade. Onde querer e poder estão em contradição, como tão frequentemente na vida burguesa, lá aparecem, precisamente por isto, criaturas disformes.”¹⁷ Quanto à morte, o homem pode apenas desejá-la lá onde ele em si tem fundamento para ela. A morte é necessária, pois sem ela seria ilimitada, sem medida a vida do homem e todo instinto de auto-preservação. Na verdade, não há um abismo entre vida (*Leben*) e morte (*Tod*); a morte natural resulta de acordo com as leis da natureza e pertence à vida, pois toda vida é, seja por doença, seja por idade, levada à morte. Contrário ao cristão, que parte de um pressuposto antinatural, ou seja, pressupõe que a morte é um puro mal, uma consequência da punição, do castigo de Deus pelos pecados cometidos, Feuerbach o entende como um bem; a morte “é a recompensa pelas lutas aos sofrimentos passados.”¹⁸ O homem deve, portanto, ver na morte não apenas o fim de sua vida, mas também a morte da morte, o não-ser do não-ser, ou seja, a liberdade de todo o mal, daquilo que dificulta e elimina as condições de sua vida.

Sem dúvida, a posição e o movimento dos corpos dependem da liberdade, da vontade do homem, mas apenas porque esta vontade é uma expressão, fundada organicamente, de sua conexão interna com o cérebro, com os nervos e músculos. Pois uma liberdade, uma vontade, arrancada da natureza, da conexão do sistema nervoso e muscular, que os filósofos da moral supranatural, sobrenatural proclamam, é para Feuerbach não uma vontade real, mas apenas um desejo fantástico, imaginação, ou seja, “absurdidade” ou “irracionalidade”. Esta liberdade, esta vontade (*Wille*) desnaturada (*unnatürliche*), arbitrária (*willkürliche*), onipotente (*allmächtige*), que não se baseia na natureza e nas condições do espaço e tempo, pode tudo o que ela quer. Ela se expressa, dito curtamente, assim: “Eu quero, logo eu tenho”, (“*Ich will, also habe ich*”); *volo, ergo cogito* (eu quero, logo

¹⁷ Feuerbach, L. *Über Spiritualismus und Materialismus, besonders in Beziehung auf die Willensfreiheit*. Op. cit., p. 59-60.

¹⁸ *Ibidem*, p. 61. Também, na obra *Preleções sobre A Essência da Religião*, Feuerbach expressa sua visão positiva sobre a morte: “Se realizasse essa vontade [a vontade da vida eterna], os homens receberiam satisfeitos, de coração, a vida eterna e teriam saudades da morte. Na verdade, o homem não deseja a si apenas uma morte pré-matura, violento, terrível. [...] A morte normal, natural, a morte do homem consumado, que gozou bem a vida, portanto, não tem, por conseguinte, absolutamente nada de assustador. [...] Somente o falecimento não-natural, infeliz, a morte de criança, de jovem, de homem em sua plena maturidade, indigna-nos contra a morte e cria a vontade de uma nova vida.” Cf. Feuerbach. *Vorlesungen über das Wesen der Religion*. Op. cit., p. 311.

eu penso) (*ich will, also denke ich*). Fichte corrige já no *Sistema da Doutrina Moral (Das System der Sittenlehre)* a frase “eu posso o que eu quero” (“*Ich kann, was ich will*”), quando ele acrescenta: “Nós podemos na verdade tudo o que nós apenas podemos querer.”¹⁹ Aqui foi feito inteiramente correto, segundo o ponto de vista de Feuerbach, a liberdade, a vontade, dependente das possibilidades, o querer dependente do poder, pois, se depende só do querer, não do poder, eu posso, por exemplo, como Feuerbach observa ironicamente, “querer voar, e posso voar, e, na verdade, sem asas ou órgãos artificiais de vôo, assim eu posso querer me transferir num momento da Europa para América ou da terra para a lua.”²⁰ Nestes exemplos mostra-se a “irracionalidade” de uma liberdade, de uma vontade que não tem base material e deve ainda, a partir do nada, produzir efeitos materiais, ou seja, de uma liberdade, de uma vontade que não depende e não está condicionada pela lei da natureza, pelo organismo corporal, físico, do homem. Na vinculação pela natureza, o homem tem consciência dos limites de sua liberdade, pois como ele “seria feliz”, assim pensa Feuerbach, “se sua vontade não fosse uma força imanente ao seu organismo, mas uma força transcendente, isto é, sobrenatural [...], uma força não ligada à matéria, conseqüentemente também não ligada à *matéria médica!* Então ele precisaria, sim, apenas querer para ser saudável – e ele seria saudável.”²¹ Feuerbach concebe, assim, a liberdade, a vontade num sentido limitado pelo poder, pois, para ele, o homem pode o que ele quer, mas apenas na medida em que ele quer, o que ele pode; ou seja, ele só pode querer ou querer realizar o que ele pode realizar de acordo com os limites do seu organismo físico, com o fundamento da natureza, da física e das forças orgânicas. Esta limitação não resulta de um eu, mas daquele não-eu fichteano, da natureza e é, por isso, uma determinação contrária e adversa, que contradiz o desejo de uma vontade absolutamente livre, sem espaço e sem tempo. Quando se apreende, todavia, o homem não como um membro da natureza e na vontade rompe sua ligação com ela, aparece, pois, uma série de saltos da liberdade que ultrapassa os limites, as fronteiras, as determinações e condições objetivas da natureza.

A liberdade, a vontade existe, portanto, não *in abstracto*, sem diferença, livre da necessidade, pois ela não é um poder fantástico, sobrenatural, miraculoso poder, ou seja, não uma potência pronta, disposta para todo tempo e em todo lugar para toda realização qualquer, à vontade. Como Feuerbach acentua, a vontade é, na verdade, “autodeterminação, mas no interior de uma determinação da natureza independente da vontade da

¹⁹ Cf. FICHTE. *Das System der Sittenlehre*. Werke auf CD-ROM. Berlin: 1997, Bd. 4, § 7, Cap. 519. Cf. também FEUERBACH, L. *Über Spiritualismus und Materialismus, besonders in Beziehung auf die Willensfreiheit*. Op. cit., p. 159.

²⁰ FEUERBACH, L. *Über Spiritualismus und Materialismus, besonders in Beziehung auf die Willensfreiheit*. Op. cit., p. 158.

²¹ *Ibidem*, p. 170.

natureza do homem.”²² Apenas o determinado, ou seja, aquilo que veio aqui e agora para os sentidos e, por meio destes, à consciência, é objeto da vontade. “A vontade do homem é seu reino celestial’, mas o reino celestial do adolescente não é o do jovem e o reino celestial do jovem não é o reino celestial do homem ou do ancião.”²³ Já que a vontade é determinada e, portanto, ligada ao espaço e tempo, o homem não deve querer realizar o que ele não pode fazer no âmbito desse limite. Mas o que ele “não pode aqui e agora”, acrescenta Feuerbach, ele “pode isto” talvez “em outro lugar e em outro tempo.” Pois só “quando chega o tempo para algo, chegam também a força e a vontade para isto.”²⁴ A limitação da vontade através da natureza, através do tempo e do espaço é para Feuerbach a prova de que a liberdade não é *a priori*, mas *a posteriori*, ou seja, que ela se realiza na história. Feuerbach aceita, portanto, uma negação determinada do tempo para a vontade, a liberdade. Esta negação não se estende, no entanto, ao tempo em geral, mas apenas a uma forma particular do mesmo, pois essa negação não está localizada no além, mas se realiza, pelo contrário, no aquém, isto é, sempre no interior do próprio tempo. Assim, pode-se, por exemplo, abstrair deste ou daquele tempo, do tempo para desfrutar, comer e beber, para brincar, para passear ou trabalhar, mas não do tempo pura e simplesmente, por excelência. Da mesma forma, não se deve negar em geral a carência, a necessidade, apenas para poder colocar por meio desta negação a liberdade. Kant faz isso, abstraindo da forma de existência do tempo, independente das condições empíricas, da forma simples da lei objeto e fundamento de determinação da vontade e concebe, desta maneira, a vontade como uma potência especificamente diferente e independente da potência sensível do desejo, e, precisamente por isto, como vontade pura, como uma “coisa do pensamento”. “O homem deve”, escreve Braun, “possuir uma potência ativa, que é determinada pela lei, independente de todas as aspirações sensíveis. Esta potência é em Kant a vontade pura.”²⁵ Em oposição a isto, Feuerbach diz que a liberdade, a vontade é “uma palavra que só tem sentido, se ela estiver relacionada com uma outra palavra principal ou antes [...] com a palavra tempo”.²⁶ Com isto, ele refuta os argumentos dos moralistas sobrenaturais que acreditam que a liberdade, a vontade está fora ou além do tempo, que ela é autônoma, independente e livre da natureza. Para ele, a vontade é, pelo contrário, apenas vontade no interior da necessidade da natureza, pois ela sob as condições da finitude está completamente ligada ao tempo, ao espaço e à causalidade, à realidade objetiva, à natureza.

²² *Ibidem*, p. 68.

²³ *Ibidem*, p. 62.

²⁴ *Ibidem*, p. 62.

²⁵ BRAUN, H-J. *Ludwig Feuerbachs Lehre vom Menschen*. Stuttgart-Bad Cannstatt: Friedrich Frommann Verlag, 1971, p. 111.

²⁶ FEUERBACH, L. *Über Spiritualismus und Materialismus, besonders in Beziehung auf die Willensfreiheit*. *Op. cit.*, p. 72.

Com o “eu quero” (“*Ich will*”) está, de acordo com Feuerbach, ligado inseparavelmente a interrogação “o que” (“*Was*”), pois uma vontade, separada da matéria, das condições da vontade, significa renúncia, abandono ou supressão da própria vontade. A vontade não pode, assim, ser vista como uma potência separada da naturalidade do homem (*Natürlichkeit des Menschen*), por isso representa em Feuerbach a “ligação da vontade com o instinto de auto-preservação a tentativa de descrever o homem como um ser dominado pela natureza e ainda assim independente.”²⁷ A vontade humana é no fundo *désir* (desejo) (*Verlangen*), *appetitus* (apetite) (*Begierde*), cujo objeto é o prazer (*Vergnügen*); a ela serve de base a dependência do homem da natureza, o instinto, o instinto de auto-preservação, que está de acordo com a aspiração pela felicidade (*Glückseligkeit*). “Onde [...] não há um instinto”, uma inclinação, um apetite, “não há vontade, mas onde não há instinto de felicidade, não há instinto em geral. O instinto de felicidade é o instinto dos instintos.”²⁸ O que o homem aspira, então, é nada mais do que *bien-être* (bem estar), o fim de uma carga, de um mal, de um sofrimento, de uma dor, ou seja, de todas as contrariedades de sua vida. “A vontade moral é a vontade moral que não quer fazer nenhum mal, porque ela não quer sofrer nenhum mal. Sim, somente a vontade, que não quer sofrer nenhum mal, portanto, só o instinto de felicidade, é a lei moral e a consciência, que detém ou deve deter o homem de fazer o mal.”²⁹ O postulado de Feuerbach “eu quero” (“*Ich will*”) significa, portanto, em poucas palavras, “eu quero ser feliz” (*Ich will glücklich sein*); o sentido da vontade é que ela quer realmente a felicidade.

Se o primeiro dever do homem é fazer a si mesmo feliz (*glücklich*), é preciso, então, perguntar aqui, como ele vem, agora, de instinto individual de felicidade, de seu amor-próprio, de seu egoísmo, para o reconhecimento do instinto de felicidade de outro homem? Como a felicidade do eu está em conformidade com a felicidade do tu, a auto-afirmação com a abnegação de si mesmo? A partir da experiência de seu próprio instinto de felicidade o homem sabe o que é bom (*gut*) ou mau (*böse*), o que é vida (*Leben*) ou morte (*Tod*), amor (*Liebe*) ou ódio (*Hass*). Esta conformidade, este acordo, reside, portanto, nisto “que eu, na medida em que torno a mim mesmo feliz, ao mesmo tempo torno o outro eu feliz; que eu quero satisfazer o meu instinto de felicidade apenas de acordo com o teu instinto de felicidade.”³⁰ Segundo Feuerbach, é, na verdade, direito do homem querer sua própria felicidade, mas é igualmente seu dever também reconhecer e afirmar a felicidade do outro, porque o seu instinto de felicidade é satisfeito na e por meio da satisfação do instinto de felicidade do outro. Pois

²⁷ HÜSSER, H. *Natur ohne Gott*. Würzburg: Königshausen und Neumann, 1993, p. 122.

²⁸ FEUERBACH, L. *Über Spiritualismus und Materialismus, besonders in Beziehung auf die Willensfreiheit*. Op. cit., p. 70.

²⁹ *Ibidem*, p. 80.

³⁰ *Ibidem*, p. 77.

o que “não se deseja que a nós seja feito, não se deve também fazer ao outro!” Ou: “Tudo o que vós quereis que as pessoas devam fazer a vós, isto fazeis vós a elas.”³¹ Feuerbach trata aqui a natureza (*die Natur*) como base da moral (*Basis der Moral*), porque ela é, precisamente, o fundamento da vida (*Grundlage des Lebens*) e produz não apenas um instinto de felicidade unilateral e exclusivo, mas também duplo e recíproco; por isso, ela não pode também satisfazer o instinto de felicidade de um singular, sem ao mesmo tempo satisfazer o instinto de felicidade de todos os outros indivíduos. Para Feuerbach, a moralidade não deve ser esclarecida e deduzida de uma razão pura, de um eu puro pensante, sem os sentidos, pelo contrário, trata-se de esclarecê-la a partir da ligação do eu com tu. “Onde fora do eu não há um tu, outro homem, também não se pode falar de moral, apenas o homem social é o homem. Eu sou eu apenas por ti e contigo. Eu sou apenas consciente de mim mesmo apenas porque tu estás defronte de minha consciência como um eu visível e palpável, como um outro homem.”³² Assim, Feuerbach não fundamenta a sua ética sobre um conceito abstrato de dever, como Kant, mas sobre a vida, sobre a felicidade do homem em geral; a felicidade, “que se divide para diferentes pessoas, que compreende eu e tu”, é para ele “o princípio da moral”³³. Uma moral, que não está constituída da natureza, da vida, que separa o dever do instinto de felicidade e faz do eu pensado só para si mesmo o seu ponto de partida, interpreta Feuerbach como uma norma humana arbitrária, uma pura *fiktio*n ou uma mera casuística. Abstrair da moral o princípio da felicidade (*Glückseligkeitprinzip*) não é para Feuerbach possível. Sem o reconhecimento da felicidade do outro fica suprimido o fundamento e o objeto do dever, até mesmo a base da moralidade, pois onde não há uma diferença “entre a felicidade e a infelicidade, entre o bem e o mal”, aí “não há também diferença entre o bom e o mau”. “Bom é a afirmação, mau a negação do instinto de felicidade.”³⁴ É, por conseguinte, tarefa da moral fazer da determinação do eu instinto de felicidade do tu, o vínculo entre uma e outra felicidade, fundamentada na necessidade da natureza, a lei do pensamento e da ação humana.

Para Feuerbach, o materialismo (*Materialismus*) (ou o sensualismo) (*Sensualismus*) é a base, o fundamento sólido dos princípios da moral, porque

³¹ FEUERBACH, L. *Zur Moralphilosophie*. In: Nachlass. Organizado por Karl Grün. Leipzig & Heidelberg: C. F. Winter'sche Verlagshandlung, 1874, Bd. II, p. 330.

³² *Ibidem*, p. 287.

³³ FEUERBACH, L. *Über Spiritualismus und Materialismus, besonders in Beziehung auf die Willensfreiheit*. *Op. cit.*, p. 75.

³⁴ *Ibidem*, p. 75-76. Nas *Preleções sobre A Essência da Religião*, (*Vorlesungen über das Wesen der Religion*), Feuerbach tinha sublinhado: o bem não é uma ideia ontológica, um predicado de Deus, encontra-se, pelo contrário, “mesmo na natureza humana, [...] no egoísmo humano; o bem nada mais é do que o que corresponde ao egoísmo de todo homem, o mal nada mais do que o egoísmo de um classe singular de homens, a custa de outros [...], mas o egoísmo de todos, ou também pelo menos da maioria, é sempre superior ao egoísmo da minoria”. Cf. FEUERBACH, L. *Vorlesungen über das Wesen der Religion*. *Op. cit.*, p. 345.

apenas ele, partindo da sensibilidade (*Sinnlichkeit*), traz o homem real, individual à existência e o liga por meio dela com o outro. Assim, a filosofia, separada da sensibilidade ou que nega a verdade dos sentidos, não só não sabe nada de particularidade e individualidade, como também se aniquila completamente. Em Feuerbach, a verdade da vida, da individualidade, funda-se, pelo contrário, apenas na verdade dos sentidos, pois precisamente lá, onde os sentidos, que são a certeza da realidade imediata, elevam-se ao pensamento, começa a individualidade, a diferença. Feuerbach afirma que o homem sabe apenas através dos sentidos, que ainda existem outros seres, outros homens fora dele, que ele é, então, um ser individual, diferente deles. “Eu sou”, diz Feuerbach, “não o homem em geral numa determinada forma, eu sou apenas homem como este homem determinado; homem-ser e este *individuum*-ser é de modo nenhum separável em mim.”³⁵ Mas esta individualidade do homem não se afirma “de modo nenhum, apenas, como na representação comum dela, na diversidade do sentimento e do juízo sobre o mesmo objeto, mas também lá, onde eu estou de acordo nos meus sentimentos e juízos com os outros.”³⁶ A individualidade se estende não só às características estranhas, acentuadas, pelas quais o homem se diferencia de outros, mas também às qualidades que ele pensa em diferença daquelas como sociais e resume no conceito geral de homem. Em comparação ao animal ou, mais genericamente, em contraste com o ser distinto do homem, obviamente, desaparecem as diferenças entre os homens. “O homem é a essência próxima ao homem, igual segundo a essência. O outro é, na verdade, para mim, em tal relação, um ser, precisamente assim, diferente de mim, como o animal, a árvore”³⁷. Só em relação a si mesmos, os homens são essencialmente diferentes entre si, essencialmente, porque com a supressão de sua diferença é eliminada também a essência de sua individualidade. Embora o homem não seja de modo nenhum determinado tão exclusiva, inalterável e completamente, como está determinada a pedra ao cair no ar, o fogo ao queimar, assim sua essência não é, contudo, sequência de sua vontade, mas, pelo contrário, sua vontade sequência de sua essência, pois ele é antes que ele queira, e há ser sem querer, sem vontade, mas não vontade sem ser, sem o auxílio do meio material. Em suma, a vontade real é sempre apenas a vontade de uma essência determinada; querer quer dizer querer sempre algo determinado, e querer algo pressupõe ser algo. Aquele, que quer, então, não só quer, mas ele quer sempre algo. Um exemplo: todo homem diz: “eu quero, [mas] o primeiro: eu quero este romance; o outro: eu quero essa indescritível viagem; o terceiro: eu quero esta obra filosófica, mas

³⁵ FEUERBACH, L. *Über Spiritualismus und Materialismus, besonders in Beziehung auf die Willensfreiheit*. Op. cit., p. 103-104.

³⁶ *Ibidem*, p. 105.

³⁷ FEUERBACH, L. *Über das Wesen der Religion in Beziehung auf R. Hayms Feuerbach und die Philosophie*. Org. por W. Schuffenhauer. Berlin: Akademie-Verlag, 1971, GW 10, p. 343.

todos provam pela diversidade de sua vontade apenas a diversidade de seu ser, que ele tem, na verdade, com a [...] vontade.”³⁸ Já que a vontade pressupõe o ser, o homem deve, então, ser pela sua vontade, o que ele é apenas das condições do seu ser, de sua natureza.

O espiritualismo (*Spiritualismus*) é a doutrina oposta ao materialismo (*Materialismus*), que trata a vontade e o pensamento diferente e independentemente do ser. De acordo com esta doutrina, o *spiritus* (espírito) (*der Geist*) tem sua raiz não no corpo, pois este é extenso, sensível e material. Que o espírito (ou alma) possa existir ou agir sem o corpo, é, por conseguinte, uma consequência necessária do espiritualismo, que designa a incorporeidade e a imaterialidade como a essência do espírito. Assim, Platão escreve no *Fédon*: “As almas existiam antes do que elas eram em forma humana, sem corpo, e tinham entendimento e conhecimento.”³⁹ E adiante acrescenta ele: “Se a alma se serve do corpo, para tratar algo, seja mediante o ver ou algum outro sentido (pois por meio do corpo quer dizer, precisamente, tratar algo por meio dos sentidos), ela entra pelo corpo no variável; mas se ela trata algo *para si mesma*, então ela se dirige para o puro, para o que existe sempre e imutável.”⁴⁰ Em Platão, a alma (*die Seele*) não está ligada, portanto, com o corpo, mas, pelo contrário, sem ele, para si mesma; ou seja, o ser da alma separada ou liberta do corpo identifica-se com seu ser-para-si-mesmo. Também Antilucetius, o qual Feuerbach cita, escreve, na quinta canção, o seguinte: “o espírito está ligado com o corpo, mas ele pode viver sem o corpo.”⁴¹ E Gassendi diz em suas *Anotações para o décimo Livro de Diógenes L (Anmerkungen zum zehnten Buch des Diogenes L)*: “O espírito ou o entendimento, a raiz da vontade, é imaterial ou incorpóreo e sem órgão (inorgânico), não misturado com a matéria, mas livre dela.”⁴² O mesmo afirma Tomás de Aquino em sua *Summa*: “A alma está separada (a saber, do corpo) segundo a força do pensamento ou do conhecimento, que não é a força de qualquer órgão corporal, assim como a força do ver é a atividade do olho; pois o pensamento é uma atividade que não pode ser exercida pelos órgãos corporais. [...] A alma humana não é por causa de sua perfeição uma forma submersa na matéria corporal ou completamente envolvida por ela, e é, por conseguinte, nada desembaraçoso que ela não tenha uma força, que não seja um ato corporal.”⁴³ Mais adiante diz ele ainda: “O princípio que pensa e conhece, chamado

³⁸ FEUERBACH, L. *Über Spiritualismus und Materialismus, besonders in Beziehung auf die Willensfreiheit. Op. cit.*, p. 85.

³⁹ Cf. PLATON. *Phaidon*. Tradução de Friedrich Schleiermacher. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1974, Werke, Bd. 3 (grego e alemão), p. 65 (76c). Cf. também FEUERBACH, L. *Über Spiritualismus und Materialismus, besonders in Beziehung auf die Willensfreiheit. Op. cit.*, p. 126.

⁴⁰ FEUERBACH, L. *Über Spiritualismus und Materialismus, besonders in Beziehung auf die Willensfreiheit. Op. cit.*, p. 126.

⁴¹ *Ibidem*, p. 127.

⁴² *Ibidem*, p. 127.

⁴³ *Ibidem*, p. 128.

de espírito ou entendimento, tem uma atividade por si mesmo, em que o corpo não participa.”⁴⁴ Dito de forma curta, ele qualifica o pensamento como “uma atividade completamente imaterial.” De reflexões semelhantes parte Descartes nas *Meditações*: “É certo que eu sou realmente distinto do meu corpo e posso existir sem ele”⁴⁵. E a seus adversários, ele responde: “Não se deve acreditar que a força do pensamento seja, assim, ligada ao órgão corporal, que ela *não possa existir sem o mesmo*.”⁴⁶ Precisamente, das posições acima mencionadas, pode-se deduzir claramente que o espírito (*der Geist*) (a alma) foi tratado como uma essência imaterial, que está, na verdade, unida com o corpo (*Leibe*), mas pode existir do mesmo modo sem a própria corporeidade (*Leiblichkeit*). Embora alguns filósofos especulativos e “espiritualistas” tentem esclarecer a conexão entre espírito e corpo, ou fazê-la compreensível, esta tentativa, no entanto, segundo a opinião de Feuerbach, fracassou, pois o sentido do espiritualismo é, no fundo, não, precisamente, a ligação da alma com o corpo real, físico, mas, pelo contrário, a separação da mesma dele, da *materiae contagio* (“do contágio da matéria”). Além da incorporeidade (*Unkörperlichkeit*) e imaterialidade (*Immaterialität*), o espiritualismo mantém também, por fim, a imortalidade da alma (*Unsterblichkeit der Seele*), pois ele é a doutrina da alma concebida para uma outra vida, para uma vida futura, isto é, para uma vida independente do fim da vida, da morte.

Como pela doutrina da alma do espiritualismo só pode ser explicada a vida após a morte, mas não a vida antes dela, isto é, a vida real, presente, não se deixa também concluir dela nem a antropologia, nem a fisiologia, mas apenas a teologia. No desejo religioso pela imortalidade (*Unsterblichkeit*), bem como por Deus, manifesta-se o desejo por uma vontade, na qual vontade e capacidade, querer e poder, coincidem. Para a teologia, a imortalidade significa nada mais do que a alma livre da contradição de sua ligação com a matéria, e a alma mesma, como Deus, é para ela (a teologia) uma essência incorpórea, por conseguinte, não-espacial, embora ela (a alma) seja uma expressão da corporeidade e esteja conectada através da sua ligação com o corpo a um lugar, a saber, o corpo. Mas como a alma pode ao mesmo tempo estar e não estar num lugar? Como se explica a sua ilocalidade com a localidade, sua imaterialidade com sua materialidade? O espiritualismo argumenta aqui que o *corpus non est essentia animae* (o corpo não pertence à essência da alma), por isso, a alma não termina na ligação, na união com ele; isto é, ela não se mistura essencialmente com ele. Na verdade, o espiritualismo aceita a localidade da alma, mas atribui

⁴⁴ *Ibidem*, p. 128.

⁴⁵ DESCARTES. Meditação Sexta. In: *Meditações*. São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores), 1983, p. 134. Cf. também FEUERBACH, L. *Über Spiritualismus und Materialismus, besonders in Beziehung auf die Willensfreiheit*. *Op. cit.*, p. 127.

⁴⁶ DESCARTES. Respostas do Autor às Segundas Objeções. In: *Objeções e Respostas*. São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores), 1983, p. 153. Cf. também FEUERBACH, L. *Über Spiritualismus und Materialismus, besonders in Beziehung auf die Willensfreiheit*. *Op. cit.*, p. 127.

a ela apenas uma extensão imaginária, nenhuma determinação material, física; a alma não existe para ele *in aliquo ubi* (em algum lugar), mas, por assim dizer, *ut in loco* (como que no lugar), que não é real. Em oposição a isto, é para Feuerbach a ligação da alma (do espírito) com o corpo a negação de todas as representações de incorporeidade, de ilocalidade ou imaterialidade da alma. Assim escreve ele: se “eu digo: a alma tem um corpo, eu digo na verdade: a alma é corporal, ela tem extensão e forma. De fato, é assim: a alma humana tem uma forma humana [...]. Se se quer, então, afirmar a alma imaterial, nega-se, assim, a sua ligação com o corpo, ou melhor, nega-se igualmente de preferência a existência dos corpos.”⁴⁷ O espiritualismo, assim como o teísmo, assume “uma alma imaterial”, apenas porque ele não precisa, no fundo, de uma existência concreta, de um corpo; do mesmo modo, ele tem um Deus, porque ele também não precisa da natureza, do mundo. A necessidade de um Deus e da imortalidade da alma significa, na verdade, o desprezo (*Missachtung*) pela natureza, a refutação (*Widerlegung*) da finitude e da limitação (*Beschränktheit*) do corpo, da corporeidade em geral. Para Feuerbach, o fundamento da alma, do espírito, não é a alma mesma, mas o corpo, não Deus, mas a natureza, pois se o homem provém de diferentes circunstâncias e condições da natureza, assim é o seu espírito, pelo menos em suas exteriorizações, dependente do corpo. O espírito é, portanto, finito (*endlich*) e limitado (*beschränkt*), já que ele está ligado ao corpo, à natureza. Espírito ligado ao corpo, à natureza significa para Feuerbach homem; espírito sem a natureza é, ao contrário, Deus ou o próprio espírito da imaginação, da fantasia (*Einbildungskraft*) humana.

O espiritualismo filosófico, que pode ser aqui qualificado de idealismo, censura o materialismo defender uma posição dogmática, porque ele parte da natureza sensível, ou seja, de um mundo que existe em si, como uma verdade constituída objetivamente, enquanto o mundo é, segundo a opinião do idealismo em geral, apenas um produto do espírito. A argumentação contra o materialismo, no modo de dizer de Feuerbach, reza da seguinte maneira: ““Tu colocas as coisas como reais, como existindo fora de ti, apenas porque tu vês, ouves, sentes. Mas, ver, sentir, ouvir são apenas sensações, apenas afecções de ti, apenas determinações de tua consciência, pois tu apenas vês, apenas sentes, quando tu és consciente de teu ver e sentir e de si mesmo. Tu sentes, então, não os objetos, mas apenas as sensações. Em toda percepção tu percebes sempre tua própria condição.”⁴⁸ Frente ao idealismo poder-se-ia formular a seguinte questão: pode um ser em geral manifestar seu sentimento, sua sensibilidade, se não existe um exterior, nada objetivo? Não sente, por exemplo, o gato, aproximadamente, a existência de seu objeto, o rato? Se o rato, que vê o gato, existisse, de fato, só em seus olhos ou fosse apenas uma afecção de seu ver, o gato não estenderia, então, suas unhas, em vez de para os ratos, de preferência para seus próprios

⁴⁷ FEUERBACH, L. *Über Spiritualismus und Materialismus, besonders in Beziehung auf die Willensfreiheit*. Op. cit., p. 132.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 170.

olhos? E o homem? E o mundo é apenas, como diz Schopenhauer, uma representação e sensação do homem, ou ele existe também fora de sua representação? Depende o mundo, como ele aparece ao homem, apenas de seu próprio ser? Sente o homem realmente não o objeto, mas apenas a si mesmo, ou seja, sua representação do objeto? É o ar, que o homem inala com a ajuda dos poros de sua pele e dos pulmões, apenas uma sensação ou uma representação dele? De *facto*, o homem respira o ar real, como ele é, já que ele não pode viver sem ele. E a percepção, a sensação de fome e sede, é ela uma coisa vazia, não-objetiva, puramente da consciência? Não é a sede outra coisa senão apenas a necessidade de um objeto sentido, a saber, a falta de líquido? Feuerbach aceita o fato de que o eu como sedento tenha sede somente em relação a si mesmo, a seu eu. No entanto, ele se sente, mas como um ser que precisa da água, pois “sem água”, “eu me sinto como um eu [...] altamente deficiente, infeliz, miserável.”⁴⁹ E mais adiante Feuerbach expõe: fome e sede são “sensações de desconforto [...], porque eu [...], não sou um homem inteiro sem comida e bebida. Por que [...]? Porque aquilo, que eu como, o que eu bebo, é [...] de meu ser, como eu sou de meu ser.”⁵⁰ Embora a sensação possa ocorrer apenas para si mesmo, ela se refere, então, necessariamente a um objeto; ela é subjetiva, mas seu fundamento é objetivo, pois o homem sente, por exemplo, sede, porque a água, que ele precisa para saciar sua sede, não é resultado de suas sensações ou representações, mas, pelo contrário, objetiva e existe independente delas. A água é um elemento essencial no homem e fora dele, a base ou a condição para sua existência e para a própria sensação.

Abstraindo destas condições naturais inevitáveis, da objetividade, rejeita o idealismo o materialismo, pois este faz de um ponto de vista inteiramente invertido o seu ponto de partida; ele parte do objeto em vez do sujeito, do não-eu em vez do eu, na medida em que ele faz “do deduzido”, “do segundo” (a natureza, o ser) o primeiro. O materialismo de Feuerbach, para o qual a natureza, o ser, precede o pensar, concorda com o idealismo num ponto, a saber, que o mundo, o ser, apesar de sua independência, não pode ser apreendido e compreendido sem o eu (o sujeito). O problema consiste, porém, nisto, que o eu, do qual o idealismo parte, isto é, o eu, que supera a existência das coisas sensíveis, não tem para si mesmo existência, pois “uma existência sem estômago, sem sangue, sem coração,

⁴⁹ *Ibidem*, p. 178.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 178-179. A esse respeito, Feuerbach tinha já acentuado, em sua obra *Apresentação, Desenvolvimento e Crítica da Filosofia Leibniziana (Darstellung, Entwicklung und Kritik der Leibnizschen Philosophie)* (1837), o seguinte: O homem “não traz nada para o mundo, a não ser fome e sede, isto é, um vazio, mas um vazio com o sentimento do vazio, com o sentimento do desagradável e do incômodo do estômago vazio, então um vazio, que é o instinto para realização, que não é, por conseguinte, livre; pois o instinto tem [...] em si, de acordo com a força, a possibilidade, já em si o que ele também ainda não possui formalmente. Cf. FEUERBACH, L. *Darstellung, Entwicklung und Kritik der Leibnizschen Philosophie*. Org. por W. Schuffenhauer. Berlin: Akademie-Verlag, 1969, GW 3, p. 140-141.

consequentemente, por último, também sem corpo é uma existência altamente duvidosa, que não me dá a certeza de *minha* existência, em que eu não me reconheço e me acho, uma existência que nada mais é do que minha não-existência pensada como existência, uma existência que se dissolve [...] em nada.”⁵¹ O conceito idealista do eu parte, então, de um eu puramente pensado, e não de um eu real. Mas este eu está corporalmente, espaço-temporalmente condicionado; ele é “apenas eu feminino ou masculino, não um neutro assexuado, pois a diferença de sexo é [...] uma marca, [...] uma diferença penetrante, onipresente.”⁵² Disto resulta a tese de Feuerbach, que só existe um eu, que é essencialmente eu e tu, sujeito-objeto, ou seja, uma essência fundada para o outro. Assim, conduz Feuerbach o eu aqui para sua relação com o tu, com o mundo objetivo, pois o eu que existe, real, é apenas o eu, ao qual está de frente um tu, e este tu, ao qual está de frente um eu, não é, como vimos antes, só o tu humano. Por baixo disto, está antes para subsumir também o objeto, a realidade e a objectividade da natureza (do mundo). A falta fundamental do idealismo consiste, segundo Feuerbach, nisto, a saber, que fica parado no ponto de vista do entendimento, no ponto de vista teórico, na questão do carácter objetivo ou subjetivo do mundo, da realidade ou irrealidade da natureza, enquanto que a natureza é originalmente um objeto do ser e só através deste um objeto do entendimento. A natureza, assim como ela é objetivamente, independentemente, é, portanto, nenhuma representação do pensamento, mas a base, o fundamento do mesmo, o pressuposto e a condição natural do processo de realização da liberdade, de produção e reprodução da vida humana.

Endereço do Autor:

Rua José Sombra, 409 – Parquelândia

60450-610 Fortaleza – CE

ef.chagas@uol.com.br

⁵¹ FEUERBACH, L. *Die Unsterblichkeitsfrage vom Standpunkt der Anthropologie*. Org. por W. Schuffenhauer. Berlin: Akademie-Verlag, 1971, GW 10, p. 231.

⁵² FEUERBACH, L. *Über Spiritualismus und Materialismus, besonders in Beziehung auf die Willensfreiheit*. *Op. cit.*, p. 173.